

Os Ciclos do Profeta Elias

A Identidade e o Desafio do Profeta

3ª SEMANA
MEDITAÇÃO PARA O 1º DIA

Nesta reflexão queremos apresentar alguns aspectos do ministério de Elias que poderão nos ajudar em nossa meditação, no nosso encontro com este grande personagem da história da Salvação.

O ciclo de Elias encontra-se em 1Rs 17,1 – 2Rs 2, 13. Ele desenvolve a sua atividade no século IX a.C, por volta de 874 – 852, em Israel, no Reino do Norte, durante o reinado de Acab e Ocozias. Elias foi para Israel o protótipo de profeta. Neste tempo, vive-se uma grande contaminação dos deuses pagãos, cujo ápice será no tempo de Elias, no reinado de Acab que se casou com Jezabel, que era filha do rei de Sidon. Neste período o culto de Baal, que era difundido entre os povos vizinhos, entra oficialmente em Israel. Era um tempo de paz e de certo bem estar. Assim, o livro dos Reis descreve o reinado de Acab: “*Acab, filho de Amri, fez o que é mau aos olhos de Iahweh, mais que todos os seus antecessores. Como se não lhe bastasse imitar os pecados de Jeroboão, filho de Nabat, desposou ainda Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios, e passou a servir Baal e a adorá-lo. Ergueu um altar de Baal, no Templo de Baal que construiu na Samaria, fez um poste sagrado e fez ainda outras coisas para irritar Iahweh, Deus de Israel, mais que todos os reis de Israel que o precederam*” (1Rs 16, 30 – 33).

1. Identidade de Elias

Elias, na Sagrada Escritura, é apresentado como modelo de profeta, tanto que na cena da transfiguração quem representa os profetas é Elias. O texto bíblico não narra a sua vocação, ele já aparece direto em cena. É identificado como o *tesbita*, habitante de Galaad (1Rs17,1). A Escritura não fala dos seus pais, não traz o seu sobrenome. Isto é essencial, pois o profeta é uma figura carismática, não provém de nenhuma dinastia, diferentemente do rei e do sacerdote. É suscitado por Deus e o seu passado não é determinante, como não é determinante a sua origem na carne. O profeta surge no imprevisto, assim como a sua partida. A sua existência se pauta no seu relacionamento com Deus e para a mensagem que deve anunciar ao povo¹. Servo da Palavra do Senhor, é habitado pelo mistério de Deus, do qual leva o nome: Elias quer dizer “o meu Deus é o Senhor” (El-Yah)².

¹ B. COSTACURTA, *Il fuoco e l'acqua. Riflessione bibliche sul profeta Elia*, San Paolo, 11

² B. COSTACURTA, *Il fuoco e l'acqua. Riflessione bibliche sul profeta Elia*, 11.

Em Elias, a vida se identifica com a missão. Profeta do invisível, tem olhos que vão além da aparência. Elias é narrado como um homem de personalidade extraordinária. Diz Gerard Von Rad: “Essa impressão de grandeza inexaurível que tem de maneira sempre nova em cada uma das narrações sobre Elias só se explica admitindo-se que essas refletem uma figura histórica de grandeza quase sobre-humana”³.

Olhando para a identidade do profeta Elias e de forma análoga para nossa vida como presbíteros vemos a grande importância do equilíbrio entre a intimidade pessoal e as suas relações, entre o cuidado com a própria vocação e o cuidado pastoral do povo de Deus.

Assim sendo, o termo “identidade” não poderá nunca opor-se a “missão”, já que a missão é parte da essência ou identidade da Igreja e dos seus ministros. Todavia, o termo “missão” tão pouco se pode compreender separado da identidade, porque a missão não seria autêntica, se não se traduzisse numa união firme com o Senhor, e em atitudes práticas de comunhão com os irmãos. Uma vez superada a oposição entre identidade e missão, logo se compreende o princípio que afirma que no exercício do nosso ministério sacerdotal, nós vamos nos santificando, tal como ensina o Decreto *Presbyterorum Ordinis*: “exercendo o ministério do Espírito e da justiça, se forem dóceis ao Espírito de Cristo que os vivifica e guia, (os presbíteros) são robustecidos na vida espiritual”⁴. O presbítero não *está* presbítero, ele *é* presbítero. A unção sacerdotal o atinge em seu *ser* e não apenas em seu *fazer*. Por isso, tudo nele é ‘sacerdotal’. O presbítero não administra simplesmente os sacramentos: ele *os vive*. Não faz pastoral, *é pastor*. Desta forma, você consegue no seu ministério presbiteral identificar momentos de duplicidade em sua vida pessoal e presbiteral? O seu exercício ministerial tem sido uma relação de amizade com o Mestre ou de “servo” ou funcionário do sagrado?

2. A grande seca

Elias é aquele que tem o domínio sobre o orvalho, a chuva: “*Pela vida de Iahweh, o Deus de Israel, a quem sirvo: não haverá nestes anos nem orvalho nem chuva, a não ser quando eu o ordenar*” (1Rs 17,1). Sem orvalho e chuva resta só aridez e deserto. Elias explica essa desgraça como castigo de Deus. Israel deve saber que quem manda a chuva é Iahweh, e não Baal. Baal era o deus do temporal e

³ G. VON RAD, Teologia Dell' AT, Brescia, 1974, Vol. II, 31.

⁴ Concílio Ecumênico Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*, n. 12.

da chuva, que presidia a fertilidade da terra e dos rebanhos. Numa cultura agrícola que dependia da fertilidade da terra e da fecundidade dos rebanhos, o seu culto era muito atrativo⁵. Para o israelita, a chuva vem do Senhor (Dt 11, 11-12; Sl 65, 10 – 14) e é dele que se deve esperá-la confiando na sua fidelidade. Porém, de Baal se consegue comprando em troca de sacrifícios⁶.

A gratuidade dos dons divinos é uma coisa muito bela, mas que parece não dar segurança, e pede uma atitude de fé e de abandono confiante. O que é dom, é esperado e acolhido, sem nenhuma garantia futura. Ao contrário, a idolatria é enganosa, pois necessita comprar por um valor pagando um alto preço. Não existe gratuidade. Na realidade, a idolatria é vã e ilusória. Faz-nos apegar ao próprio modo de pensar e aos próprios desejos e de possuir na base da troca tudo aquilo que se pede⁷.

Elias vê a situação de pecado, de idolatria que Israel vive. Sua palavra é de vida e de morte: “*não haverá nestes anos nem orvalho nem chuva, a não ser quando eu o ordenar*” (1Rs 17,1). As palavras são de Elias, mas ecoa a voz de Deus. É um anúncio de seca total: de carestia, de morte dos rebanhos e do próprio povo. A visão é de um fechamento total do céu, e de uma terra completamente seca e estéril. Israel deve convencer-se de que não é Baal que dá a chuva, mas o Senhor. Que o Senhor que fez sair Israel do Egito, que o guiou pelo deserto, que fez brotar água da rocha, lhe deu a terra, onde a chuva cai gratuitamente do céu (Dt 11, 10s)⁸. Acab pensa que a culpa é do profeta Elias: “Está aí, o flagelo de Israel ... (1Rs 18, 16-17). Porém, o profeta somente revela a Palavra do Senhor. Isso gera em sua vida sofrimento, angústia e medo, a ponto de ter que fugir e se esconder no deserto.

Olhando para as atitudes de Elias, e a partir disso para o nosso ministério, mediante os grandes desafios que vivemos, nos deparamos com a *mundanidade*, que fere o nosso sacerdócio e que tantas vezes o Papa Francisco tem nos advertido. Reflitamos:

1. Qual a atmosfera que pervade a minha vida atualmente: a atmosfera espiritual ou a atmosfera da *mundanidade* (idolatria)?

2. Você tem consciência de que, como presbítero, será sempre um homem de coração ferido diante de um mundo tão desafiador? Essas feridas que você percebe no seu exercício presbiteral têm roubado a paz? Elas têm te desmotivado na alegria de ser padre?

⁵ B. COSTACURTA, *Il fuoco e l'acqua. Riflessione bibliche sul profeta Elia*,9.

⁶ B. COSTACURTA, *Il fuoco e l'acqua. Riflessione bibliche sul profeta Elia*,10.

⁷ B. COSTACURTA, *Il fuoco e l'acqua. Riflessione bibliche sul profeta Elia*,10.

⁸ B. COSTACURTA, *Il fuoco e l'acqua. Riflessione bibliche sul profeta Elia*, 14.

Os Ciclos do Profeta Elias O Encontro e o Confronto do Profeta

3ª SEMANA
MEDITAÇÃO PARA O 2º. DIA

3. Óleo e farinha: o encontro de Elias com a viúva de Sarepta

Elias, ao cessar a chuva e o orvalho, experimentou do fruto da sua própria profecia: a seca, a carestia e a morte. Ele também precisou viver a total confiança na Palavra de Deus. Já tinha sido alimentado no deserto: “... os corvos traziam-lhe pão de manhã e carne a tarde. E ele bebia água do córrego” (1Rs 17, 6). O profeta fez a experiência do seu povo: como Israel no deserto, Elias é nutrido de pão e carne. Eles rememoram o maná e as codornizes (Ex 16, 8. 16). Elias, como defensor de Iahweh, depende totalmente da sua providência.

Ao ser enviado à viúva de Sarepta (1Rs 17, 7 – 16), pequeno povoado na Fenícia, justamente de onde veio Jezabel⁹, terra onde se cultua Baal, não Iahweh, ele se depara com os mesmos problemas de sua terra: seca e ameaça da vida.

O profeta encontra uma viúva recolhendo gravetos para preparar o que lhe resta para ela e seu filho e ambos esperarem a morte (1Rs 17, 12). Uma viúva era alguém frágil, desprotegida e necessitada. A esta mulher o profeta é enviado e pede toda a sua segurança, ou seja, pão e água. Elias que é mandado para dar vida, suplica vida. Esta cena, nos relembra Jesus que pede água à samaritana: dá-me de beber. Aquele que é a água viva pede de beber (Jo 4, 1- 25). Aqui há totalmente a troca dos papéis. A fé implica pedir, sentir-se necessitado. Elias pede, pois é através da liberdade daquela mulher, daquela viúva, que Deus lhe dá a vida. Sua farinha e seu óleo possibilitarão apenas uma refeição. Quando oferece tudo ao profeta, é a Iahweh que ela está servindo, mesmo não sendo uma israelita. “A vasilha de farinha não se esvaziará e a jarra de azeite não acabará, até o dia em que Iahweh enviar a chuva sobre a face da terra” (1Rs 17, 14). Quando a viúva agiu segundo a palavra de Elias, a palavra de Iahweh se cumpre: “Ela partiu e fez como Elias dissera, e comeram, ela, ele e sua casa, durante muito tempo. A vasilha de farinha não se esvaziou e a jarra de azeite não acabou, conforme o anúncio que Iahweh fizera por meio de Elias”(1Rs 17,15).

Elias que dá a vida àquela viúva e ao seu filho, agora, deve de novo dar a vida ao seu filho. O filho adoeceu e faleceu. A mulher diz a Elias: “que há entre mim e ti, homem de Deus? Vieste à minha

⁹ Bíblia do Peregrino, comentário a 1Rs 17,9.

casa para reavivar a lembrança de minhas faltas e causar a morte do meu filho?” (1Rs 17, 18ss). Agora, o homem de Deus ressuscita o filho daquela viúva. A mulher reconhece que Elias é um homem de Deus e que Iahweh fala verdadeiramente pela sua boca (1Rs 17, 24).

Assim como o profeta Elias, diante do sofrimento da viúva de Sarepta se faz solidário, o Papa Francisco nos recorda que o nosso ministério deve estar sempre sensível aos irmãos feridos na carne. “Muito obrigado por todas as vezes em que, deixando-vos comover até às entranhas, acolhestes os que tinham caído, curastes as suas feridas, oferecendo calor aos seus corações, mostrando ternura e compaixão como o Samaritano da parábola (cf. Lc 10,25-37). Nada é tão urgente como isto: proximidade, vizinhança, estar próximo da carne do irmão que sofre. Quanto bem faz o exemplo de um sacerdote que se aproxima e não se afasta das feridas dos seus irmãos. Reflexo do coração do pastor que aprendeu o gosto espiritual de se sentir um só com o seu povo”.¹⁰

Refletamos: O meu ministério tem sido sensível à dor e ao sofrimento provocados pela doença, pela marginalização e por toda a forma de pobreza material e espiritual; como o profeta Elias que viu a necessidade da viúva e como o Bom Samaritano, que teve compaixão diante da carne ferida dos irmãos e manifestou a expressão viva do amor de Deus Pai.

4. O confronto de Elias com os profetas de Baal (1Rs 18, 20 – 40).

O monte Carmelo é uma cadeia montanhosa com altitude máxima de 552 m, situado na Palestina setentrional. Zona de fronteira entre a Fenícia e Israel. Zona de sincretismo religioso e de violência entre os cultuadores de Baal e Iahweh. No centro deste embate está o centro da vida de qualquer Israelita: a fidelidade a Iahweh. Diz o profeta: “até quando vocês vão mancar com as duas pernas?” (1Rs 18,21). Ele usa precisamente a imagem do “mancar com as duas pernas”, que significa não estar fixados nem em Deus e nem nos ídolos, ou seja, ter os pés em dois barcos, como nós dizemos, na linguagem diária, “estar de bem com Deus e com o diabo”. Deste modo, Elias faz três discursos, atraindo gradualmente o povo para Iahweh e afastando-o de Baal. Entre os discursos é colocada a oferta vã dos profetas de Baal e aquela bem sucedida de Elias. O Deus que responde enviando o fogo demonstra ser o Deus cósmico, Senhor da chuva e das colheitas¹¹. O texto, elaborado de forma pedagógica pelo autor, nos faz perceber que o profeta vai deixando claro a incapacidade de Baal em responder mediante o sacrifício que seus profetas oferecem. Diante do fracasso dos profetas de Baal,

¹⁰ Papa Francisco, Carta aos Sacerdotes por ocasião do 160º Aniversário da morte do Santo Cura d’Ars, 04.08.2019.

¹¹ Bíblia do Peregrino, comentário a 1Rs 18, 27.

Elias restaura o altar de Iawheh que fora demolido. Aqui ‘restaurar o altar demolido’ implicava em resgatar a memória de Deus no meio do povo.

Em oposição aos profetas de Baal, Elias presencia a resposta do Senhor com o seu poder: “*Então caiu o fogo do céu e consumiu o holocausto e a lenha...*” (1Rs 18, 38). A atenção se volta agora para o povo: “*Todo o povo o presenciou e prostrou-se com o rosto em terra, exclamando: “É Iahweh que é Deus! É Iahweh que é Deus!”*” (1Rs 18, 39). Este texto, talvez nos choque, mas ele traz uma questão fundamental para Israel: qual é o seu verdadeiro Deus? Quem responde é o próprio Senhor quando consome o sacrifício de Elias. Agora, a seca termina pela palavra de Iahweh. Se é Deus aquele que manda a seca, é Ele também que envia chuva, e não Baal (1Rs 18,41 – 45).

Como Elias diante dos confrontos que podemos viver em nosso ministério, somos chamados a retomar as palavras do Santo Padre, Papa Francisco, que nos pede para “manter um coração corajoso”. Por isso, é sempre necessário não descuidar estes dois vínculos constitutivos da nossa identidade: o primeiro, com Jesus. Sempre que nos desligamos de Jesus ou descuidamos da nossa relação com ele, pouco a pouco, o nosso compromisso torna-se árido e as nossas lâmpadas ficam sem azeite e sem condições de iluminar a vida (cf. Mt 25, 1-13)... Neste sentido, queria encorajar-vos a não descuidar do acompanhamento espiritual, tendo um irmão com quem falar, confrontar-se, discutir e discernir em plena confiança e transparência o próprio caminho...

O outro vínculo constitutivo: reforçai e alimentai o vínculo com o vosso povo. Não vos isoleis da vossa gente, nem dos presbíteros ou das comunidades. Contemplando o Coração corajoso de Jesus, podemos captar os dois vínculos fundamentais, a partir dos quais ele vive a sua missão: o Pai Celeste e o povo... O sacerdote, segundo o Coração de Cristo, é aquele que ‘habita’ entre o Senhor a quem consagrou a vida e o povo que foi chamado a servir.”

Refletamos: Você tem procurado ter um irmão presbítero com quem possa falar, confrontar-se, discutir e discernir os diversos momentos em que vive? Você tem ‘um irmão padre que te é amigo’?

Os Ciclos do Profeta Elias Horeb: Lugar do Grande Encontro

3ª SEMANA
MEDITAÇÃO PARA O 3º DIA

5. Elias no Monte Horeb

Jezebel ameaça a vida do profeta e este foge para se salvar. (1Rs 19, 1- 8). “Elias mortalmente perseguido, empreende uma espécie de peregrinação de retorno, como que voltando ao passado. Com ele, algo de Israel volta à origem autêntica do povo. Começa como fuga, empurrado pela ira de Jezebel; deixa a cidade, o reino do Norte, o reino do Sul; no limite entre cultura e deserto, sua fuga se torna peregrinação. Não é a força da rainha que o afasta, mas a força de Deus que o atrai. No limite urbano da cultura, um mensageiro de Deus lhe faz compreender o sentido da sua marcha. Antes do deserto, a fuga quis desembocar na morte; a partir do deserto, nova comida milagrosa o transporta à experiência do primeiro Israel. As etapas da viagem são a cidade, o deserto, a montanha, o anjo, a presença. No seu itinerário, Elias toca os limites da existência, onde esta confina com a morte. Morte que vai mudando de rosto: perseguição, tédio, fome, pânico avassalador ao sentir o mistério. No cume do Horeb culmina a vida de Elias”¹².

Elias caminha quarenta dias e quarenta noites. O profeta revive a experiência do povo de Deus que caminhou quarenta anos pelo deserto. Elias volta à fonte da fé em Iahweh, onde Deus estabeleceu uma Aliança com o povo (Ex 19; 24; 34, 10 – 28). O profeta é a expressão da volta às origens da fé de Israel.

O texto de 1Rs 19, 9 -18, narra o encontro de Elias com Iahweh. O profeta entra na gruta onde passa a noite. A ele é dirigida a palavra: “*Que fazes aqui, Elias? Ele respondeu: Eu me consumo de ardente zelo por Iahweh dos exércitos, por que os Israelitas abandonaram tua Aliança, derrubaram teus altares, e mataram teus profetas a espada. Fiquei somente eu e procuram tirar-me a vida*” (1Rs 19, 9 – 10). Elias apresenta uma tríplice lamentação: ele se manteve fiel, enquanto o povo se apostatou; usou de violência derrubando os altares e matando os profetas de Iahweh. Desta forma, ele mesmo corre perigo de vida.

Agora, acontece a teofania: furacão, terremoto e fogo, mas Iahweh não estava em nenhum destes elementos. Eles relembram a teofania do Sinai. Por fim, Elias ouviu o ruído de uma leve brisa.

¹² Bíblia do Peregrino, comentário a 1Rs 19.

Quando Elias ouviu, cobriu o rosto com o manto, saiu e pôs-se à entrada da gruta. Deus se revela no silêncio. Aqui se manifesta o paradoxo do mistério. Deus é presente no silêncio. Elias é um homem rumoroso, mas deve experimentar Deus no silêncio. O Senhor se manifesta sempre de forma nova, nunca catalogável, nunca igual. Os sinais da sua presença são sempre novos, não são mais assustadores. É como uma brisa suave. Na verdade, Ele é o Deus desconhecido, sempre novo¹³.

Elias pensa estar sozinho, pensa que todo o Israel abandonou a Iahweh, mas existem ainda sete mil homens que não o abandonaram. A história da salvação pode ir adiante, pois de um pequeno resto Deus é capaz de levar adiante a história da salvação¹⁴.

A vida deste grande profeta, nos mostra que para encontrar o Senhor é preciso entrar em nós mesmos e sentir aquele “**fio de um silêncio sonoro**”, porque “ali ele nos fala”. E o que acontece? Encontramos a resposta naquele ‘vai!’, porque o Senhor ‘nos dá a missão’ como a Elias: ‘*Coragem, volta aos teus passos, não tenhas medo da rainha, volta ao teu caminho, rumo ao deserto e ungirás um Rei e Eliseu como profeta teu sucessor*’. Para Elias existe uma missão a cumprir. E a missão de Elias sugere “três coisas claras”:

Primeiro: para ir ao encontro do Senhor é necessário estar “**em pé e a caminho**”.

Segundo: ter a coragem de esperar aquele sussurro, aquele “**fio de silêncio sonoro**”, quando o Senhor fala ao coração e nos encontramos com Ele.

Terceiro aspecto é a missão, ou seja, um convite a voltar aos próprios passos para ir em frente.

Aqui está uma das abordagens que este trecho da Escritura nos ensina e sugere para a esta Semana de Retiro Presbiteral: Na procura incessante pelo Senhor, como Elias, vivemos maus momentos, momentos que nos fazem desanimar, sem fé, obscuros, nos quais não vemos o horizonte, não somos capazes de nos reerguer. Porém, é o Senhor que vem! É ele que nos restabelece com o alimento e com a sua força e nos diz “*levanta-te e vai em frente, caminha!*” Por isso, para encontrar o Senhor devemos estar assim: *em pé e a caminho; e depois esperar que ele fale ao nosso coração, e nos encontre com o espírito aberto*. E Ele mesmo nos dirá “sou eu”; e nesse momento a nossa fé se fortalece. Mas a fé deve ser levada a outros, unguendo outros para a missão.

Na verdade, ‘**em pé e a caminho; em silêncio para encontrar o Senhor; e em missão**’ para levar uma mensagem de esperança ao nosso rebanho, é precisamente esta a nossa identidade presbiteral. Sendo assim, o sacerdote como homem de oração, que fala pessoalmente com Deus, que conhece o Evangelho e contempla o rosto de Cristo, conseqüentemente se deixa guiar pelo Espírito

¹³ B. COSTACURTA, *Il fuoco e l'acqua. Riflessione bibliche sul profeta Elia*, 64.

¹⁴ B. COSTACURTA, *Il fuoco e l'acqua. Riflessione bibliche sul profeta Elia*, 64.

Santo, tomando as decisões mais adequadas, não apenas para si mesmo, mas em prol do bem da comunidade. A este comportamento, guiado pelo sentido da fé e pela participação comunitária, chama-se **discernimento espiritual**. O verdadeiro pastor não é um funcionário ou um empregado; ele é um representante do Senhor da messe. Ora, o discernimento espiritual não é coisa que se improvise. É algo que se consegue por meio de um contínuo exercício orante e comunitário. Como também não pode ser realizado friamente, já que deverá tocar em profundidade a pessoa que discerne, transformando-a em testemunha e modelo para toda a comunidade.

Refletamos: Olhando para a sua vida, você se sente capacitado para o **discernimento espiritual**? O que lhe falta?

Todos os dias você é chamado a tocar o mistério, você se sente – como Elias no Horeb - **em pé e a caminho; em silêncio para encontrar o Senhor; e pronto para a missão?**

Dom Paulo Cezar Costa
Bispo Diocesano

Dom Eduardo Malaspina
Bispo Auxiliar